

A PRIVATIZAÇÃO DO IMPERIALISMO | POR RAINER RUPP

Posted on 10. August 2020

Um comentário de Rainer Rupp.

Elon Musk, venerado como um prodígio tecnológico, é um ídolo da chamada Revolução Verde, porque o oligarca americano é o fabricante de Tesla, o "Rolls Royce" entre os carros eléctricos. O facto de este carro de luxo atrair repetidamente a atenção através da combustão espontânea com fogos quase não extinguíveis não diminui a reputação quase religiosa do multimilionário Musk. Na comunidade de fé no CO2 dos economizadores do clima, ele é considerado um sinal para o belo mundo verde novo. Mesmo a recente confissão de Musk da sua cumplicidade na aplicação do imperialismo criminoso dos EUA não deve mudar isto.

O caso em questão foi uma controvérsia sobre o golpe de Estado na Bolívia no Outono passado, que foi recentemente levada a cabo no Twitter. O Musk foi informado por um opositor que o golpe na Bolívia contra o legítimo presidente Evo Morales "não foi certamente no melhor interesse do povo da Bolívia. Porque o governo dos EUA está a organizar o golpe contra Evo Morales apenas para que você (Elon Musk) possa lá obter o lítio (para as baterias)". Aí, o oligarca louco respondeu desafiadoramente: "Golpearemos quem quisermos". Ultrapassa isso!"

Depois de Musk ter colhido uma tempestade de merda para este comentário sem vergonha na Internet, o seu departamento de propaganda apressou-se a suavizar as ondas e explicou que o magnata dos carros eléctricos só o tinha dito em tom de brincadeira. A explicação nem sequer se debruçou sobre a questão de quem se esconde por detrás do "nós" utilizado pelo Musk. Encaixaria bem com o Musk megalómano que só fala de si próprio no pluralis majestatis, ou seja, numa forma do plural que as majestades reais usam para si próprias.

A Musk dirige uma série de empresas exóticas de alta tecnologia como a SpaceX. Por exemplo, construíram grandes foguetes com os quais transportaram recentemente astronautas americanos para a Estação Espacial Internacional (ISS) e trouxeram-nos de volta à saúde há alguns dias. Estes sucessos foram obviamente para o chefe do multi-bilionário fumador, caso contrário ele certamente não teria assumido tal franca e pública co-responsabilidade pelo golpe insidioso contra o governo legítimo da Bolívia.

Outros, por outro lado, vêem a reacção de Musk mais como uma expressão de apoio leal à política externa do seu país, por mais criminosa que seja. Com muita boa vontade, esta leitura também é possível. Mas, realisticamente, não se deve ignorar que o Musk tinha de facto um interesse muito vital na queda do governo boliviano. Porque os carros eléctricos funcionam com baterias de lítio, e acontece que a Bolívia tem muito deste minério raro. Portanto, deve ter sido muito tentador para Tesla e para o regime americano garantir o acesso ao lítio boliviano, especialmente desde que o Presidente Evo Morales tinha assinado um contrato de quase mil milhões de dólares com a empresa chinesa Xinjian TBEA pouco antes do golpe de Estado como única empresa autorizada a extrair lítio boliviano.

Devido ao golpe contra Morales, este contrato com os chineses está agora em suspenso na balança. Tendo em conta a guerra económica que o regime Trump está actualmente a travar contra a China, Washington certamente que também fará com que o novo governo fantoche boliviano desfaça o contrato de lítio com os chineses e aceite uma empresa americana para o efeito. Mas a Alemanha também tem os seus dedos na tarte. No final de 2018, a empresa alemã ACI Systems Alemanha (Acisa) já tinha conseguido celebrar um contrato de exclusividade com a Bolívia.

No entanto, uma vez que a Acisa alemã não tinha arrancado com os seus investimentos, o Presidente Morales tinha rescindido o seu contrato de mineração de lítio apenas alguns dias antes da assinatura do novo contrato exclusivo com os chineses. Agora, porém, a Acisa espera sugar o mel do golpe contra Morales, não reconhecendo a anulação do contrato. Ao fazê-lo, ela é aparentemente apoiada pelos novos governantes do governo, patrocinados pelos EUA. Isto explica certamente porque é que o governo alemão reconheceu muito rapidamente e sem reservas o novo governo golpista boliviano como legítimo.

A 11 de Novembro de 2019, um dia após o golpe, o editor da RT-German Florian Warweg perguntou na Conferência de Imprensa Federal como é que o governo alemão encara a intervenção militar contra o presidente eleito da Bolívia. Aí, o porta-voz do governo Steffen Seibert declarou que saudava a demissão do presidente boliviano (forçado pelos militares, note-se) "como um passo importante". Seibert chamou à descrição do evento como um "golpe" "uma avaliação interessante da Rússia de hoje". Numerosos governos da América Latina e também a facção de esquerda no Bundestag, bem como o presidente do Partido

Trabalhista, chamaram unanimemente à acção militar um golpe de Estado.

Sahra Wagenknecht, presidente do grupo parlamentar de esquerda no Bundestag, também declarou num comunicado de imprensa: "O golpe na Bolívia é um ataque à democracia, justiça social e independência na América Latina. Todas as conquistas sociais e os direitos culturais da população indígena, que foram criados sob a presidência de Evo Morales, estão agora em jogo".

Quase oito meses após a queda do presidente boliviano, até o diário norte-americano New York Times relatou que a alegação de que o presidente Evo Morales tinha tentado manter-se no poder através de fraude eleitoral era informação falsa. Esta acusação tinha sido feita pela Organização dos Estados Americanos (OEA), financiada pelos EUA, e assim jogou a favor da aristocracia boliviana com dinheiro e das multidões que organizaram e financiaram. A alegada fraude eleitoral foi também o principal argumento dos putschists da oposição política, da polícia e do exército. O New York Times escreve agora que a tese da fraude eleitoral se baseava "em dados falsos e técnicas estatísticas inadequadas".

O jornal citou Jake Johnston da organização não governamental norte-americana "Center for Economic and Policy Research (CEPR)" como tendo dito que a tese se baseava em "dados incorrectos e técnicas estatísticas inadequadas". É co-autor de uma análise de 82 páginas sobre as eleições bolivianas e o papel malicioso e criminoso desempenhado pela OEA nas mesmas. Johnston disse: "Aqueles que acompanharam de perto as eleições de 2019 nunca tiveram dúvidas de que as afirmações fraudulentas da OEA eram falsas".

Na sua resposta a uma "pequena pergunta" do grupo parlamentar DIE LINKE (Bundestagsdrucksache 19/15985), o governo alemão também tinha encoberto explicitamente e com muitos truques de magia jurídica o golpe na Bolívia como uma mudança democrática legítima e confirmou-o como alegadamente "conforme à constituição".

Tendo em conta as novas informações do New York Times, o orador do Governo Federal, Steffen Seibert, tinha sido questionado pela RT-Deutsch em 24 de Junho deste ano, se, tendo em conta as provas apresentadas sobre os resultados eleitorais divulgados pela OEA da Organização dos Estados Americanos,

o Governo Federal não queria avaliar o golpe na Bolívia de forma diferente do que anteriormente. Neste dia, Seibert não respondeu mas prometeu apresentar uma declaração escrita dentro dos dias seguintes. Nesta declaração foi declarado: "Do ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros, não há razão para duvidar da declaração final da OEA". O que não significa outra coisa senão que o governo Merkel continua a justificar o golpe de Estado na Bolívia como legítimo.

Assim, se em algum momento aqui na Alemanha - como aconteceu na Bolívia - o pessoal de segurança for retirado da Chancelaria e dos edifícios do governo e das estações estatais de rádio e televisão, como a ARD e a ZDF, e então esta multidão tempestade assola os edifícios agora desprotegidos e o Chanceler se demite sob pressão dos militares, então ninguém deve ficar surpreendido se os porta-vozes do governo de outros países também acolherem este golpe como um importante passo democrático para a normalização das condições.

No entanto, muitos observadores políticos há muito que tinham visto os desenvolvimentos na Bolívia, o mais tardar assim que Morales emitiu o seu decreto nacionalizando essencialmente a riqueza mineral da Bolívia, incluindo os depósitos de lítio conhecidos como "novo ouro". E ao estipular na constituição que os lucros da venda das matérias-primas só deveriam ser utilizados para melhorar as necessidades mais importantes da população, Morales tinha cometido um pecado mortal aos olhos dos imperialistas neoliberais. Do seu ponto de vista, o plano de Morales de utilizar a riqueza do país para melhorar as condições de vida das pessoas comuns não só era completamente louco como criminoso. Para as elites ocidentais e os bancos de Wall Street, incluindo os de Frankfurt, estavam a perder dezenas de milhares de milhões em lucros. De Washington a Berlim, era claro para todos que esta loucura na Bolívia tinha de ser travada.

E nesta situação o próprio Morales cometeu também grandes erros, especialmente quando anunciou os seus planos de nacionalização das reservas de lítio à imprensa internacional, por exemplo à DPA alemã, cujo relatório a 17 de Julho de 2017 foi também transmitido internacionalmente na Deutsche Welle. Assim, as hienas neoliberais tiveram dois anos para preparar o golpe

Os "pecados" de Morales eram suficientemente numerosos e maus do ponto de vista das elites do "valor ocidental", pelo que ficou claro que mais cedo ou mais tarde teria de ser descartado. Mas quando Morales apresentou então o seu ambicioso plano para obter um preço justo para o lítio, tinha desafiado o poderoso cartel do lítio para o melhor ou para o pior. Os dias do Presidente Morales foram contados. E o oligarca Elon Musk desempenhou um papel importante neste contexto, com base nas últimas descobertas.

De facto, desde o início não havia igualdade de oportunidades na luta entre o oligarca americano Elon Musk e o país da Bolívia. A propriedade pessoal do almíscar ascende a 68 mil milhões de dólares e é assim quase 70% maior do que o produto interno bruto da Bolívia de 40,58 mil milhões de dólares em 2019. O oligarca americano poderia ter comprado todos os bens e serviços produzidos na Bolívia em 2019 e ainda teria 27,5 mil milhões de dólares. Mas porquê comprar, quando se pode obter muito mais barato com um golpe de estado. Só precisa de comprar decentemente algumas pessoas em posições-chave e depois acaba por ser dono de todo o lítio. Este é o modelo de negócio que fez as histórias de sucesso da globalização neoliberal.

Stephen Karganovic da The Strategic Culture Foundation escreve: "A possibilidade real de um homem muito rico e com enormes interesses financeiros poder concentrar os seus recursos para derrubar o governo legítimo de um Estado membro das Nações Unidas e sair impune, e mais tarde até se vangloriar disso, deveria chocar-nos a todos. A facilidade com que o público lida com a observação reveladora do Musk reflecte plenamente a decadência do sistema jurídico internacional. Ou, para ser mais preciso, mostra a evaporação aparentemente completa do que uma vez protegeu as normas legais básicas do comportamento sociopático e predatório a todos os níveis, entre estados e entre indivíduos, e entre indivíduos enormemente poderosos e estados comparativamente fracos".

Há um exemplo mais recente, em que o mesmo princípio está em vigor. Foi o projecto de financiamento privado e subcontratado da invasão militar da Venezuela de Maio de 2020, cujo objectivo era capturar e capturar os líderes do país e substituí-los por marionetas maleáveis em torno do autoproclamado "presidente" Juan Guaido.

De facto, parece estar a ocorrer um desenvolvimento perigoso nesta área, onde os oligarcas super-ricos já

não se contentam em acumular ainda mais dinheiro, mas tentam cada vez mais perseguir os seus próprios objectivos políticos, muitas vezes altamente perigosos, longe dos partidos políticos ou outras estruturas democráticas ou mesmo pseudo-democráticas, de acordo com o princípio "dinheiro é poder e muito dinheiro é ainda mais poder". Isto traz imediatamente à mente pessoas como Bill Gates e George Soros; Gates com o seu desejo patológico de vacinar o mundo inteiro e George Soros com as suas revoluções de cor e o seu actual apoio à Black Life Matters (100 milhões de dólares) e provavelmente não muito menos para o antifa nos EUA.

Mas Musk, Gates e Soros não são, de longe, os únicos. Por conseguinte, devemos olhar muito atentamente para os alegados benefícios distribuídos pelos super-ricos e aprender a compreender qual é o seu objectivo.

+++

Obrigado aos autores pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [L Galbraith](#) / shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK